



Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense



Instituto Estadual do Patrimônio Cultural
Secretaria de Estado de Cultura - RJ



Parceria:



denominação
Fazenda Bela Esperança

código
AV - FO6 - SJVRP

localização
Estrada de São Lourenço, s/nº – São Lourenço

município
São José do Vale do Rio Preto

época de construção
século XIX

estado de conservação
detalhamento no corpo da ficha

uso atual / original
criação de gado - residência de veraneio/ fazenda de café

proteção existente / proposta
nenhuma

proprietário
particular



fonte: IBGE - Anta



Fazenda Bela Esperança

coordenador / data **Francyla Bousquet – mar 2009**
equipe **Maciel Zanette/ Priscila Oliveira**
histórico **Francyla Bousquet (dados obtidos com a Sra. Anna Werneck Ruótolo)**

revisão
Coordenação técnica do projeto

Estabelecida a aproximadamente 20 minutos de carro do centro de São José do Vale do Rio Preto, a Fazenda Bela Esperança é acessada através do mesmo caminho que leva à Fazenda Belém, em estrada que corta as terras desta última estância (ver ficha AV-F02-SJVRP). Seu caminho original independente, que conduzia a entrada pelo bairro de São Lourenço, hoje já não é mais utilizado. A partir da Fazenda Belém, são poucos quilômetros até encontrar a entrada para a propriedade em questão, uma estrada de terra, localizada à esquerda, antes de se chegar a uma pequena ponte que transpõe o Córrego Bela Esperança. São três porteiiras a atravessar para chegar ao núcleo da fazenda, e é apenas a partir da segunda que começamos a ver alguma edificação (f01). À medida que nos aproximamos da sede, a mata vai cedendo lugar a morros com vegetação rasteira, utilizados atualmente como pastagens. Esse conjunto de morros forma uma espécie de cinturão em torno do centro da propriedade, isolando-a da vizinhança, ao mesmo tempo em que lhe oferece uma ambiência bastante aprazível – o verde dos gramados e vegetações rasteiras une-se ao verde das colinas, contrastando vivamente com o azul do céu nos dias ensolarados (f02). A geografia peculiar desse local, inclusive, tornou possível o reconhecimento de pintura de Georg Grimm (f03) que retrata o lugar em seus áureos tempos, muito embora hoje restem apenas uma tulha (f04) e ruínas da antiga sede (f05). Essa aquarela mostrava uma implantação da fazenda em formato de “U”, e o acesso era realizado exatamente pela lateral aberta, voltada para o final do aclive que chega ao platô onde está locado do complexo.

As construções remanescentes dessa antiga fazenda e as novas estão localizadas em nível superior à estrada (f06), de onde se pode ter uma visão privilegiada do belo entorno que circunda a propriedade.

Todo esse percurso sem pavimentação é acompanhado pelo já citado Córrego Bela Esperança, afluente do Rio Calçado, o qual é protegido por mata abundante. Nesse córrego, em local bem aproximado da atual sede, localiza-se uma usina geradora de energia, viabilizada pelo bom volume de águas do córrego, aliado à existência de pequenas cachoeiras no trecho que lhe antecede.

Levantamento realizado pela Fundação para o Desenvolvimento da Região Metropolitana do Rio de Janeiro – FUNDREM no ano de 1982 (f07) registrou a existência dessa usina geradora de energia, de onde partia um aqueduto para movimentação de um moinho de fubá, hoje não mais existente. Além das construções registradas nesse inventário, hoje são identificadas uma casa para o administrador, além de capela (f08) e uma edificação de lazer (f09), todas elas construções recentes, apesar de, nestas duas últimas, terem sido empregadas telhas antigas e peças robustas de madeira, possivelmente provenientes de outras construções demolidas, motivado pelos seus estados de decadência. As ruínas do antigo engenho, também mapeadas no citado croqui, não foram avistadas, devido à alta vegetação que ali foi observada na data do levantamento.



01



02



03



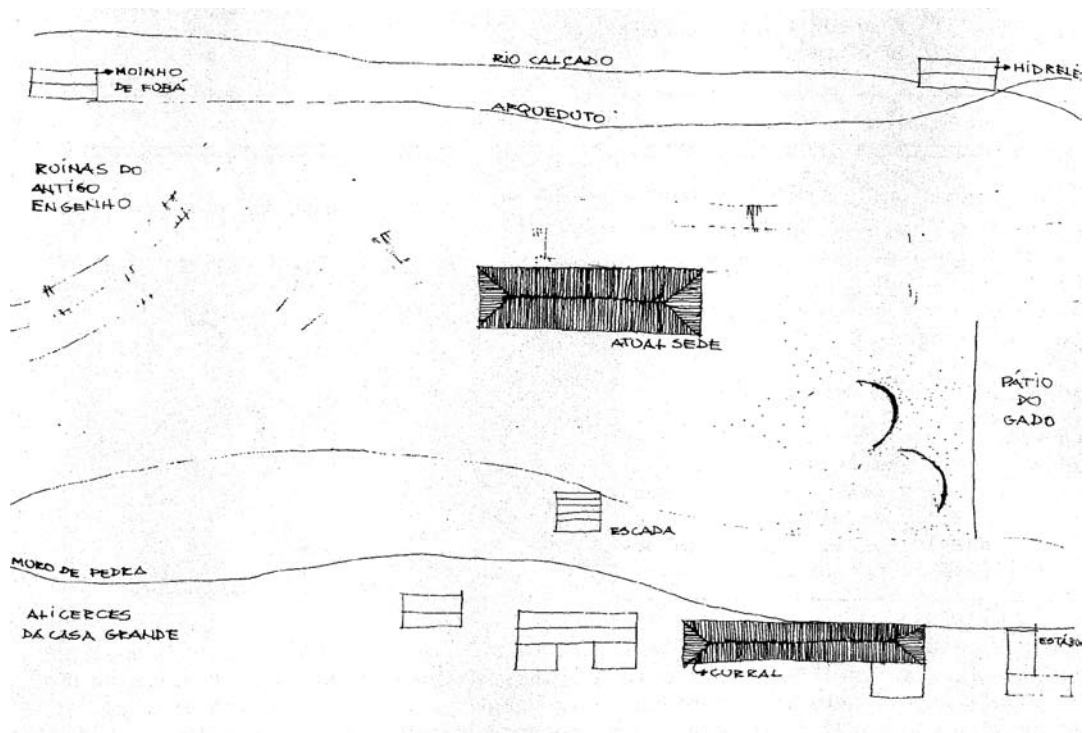
04



05



06



07



08



09

Chegando-se ao núcleo da fazenda, avista-se logo, em nível mais alto, uma bela e singela capela, construída logo à frente das ruínas da antiga sede (f10), que, a julgar pela extensão do seu embasamento de pedra – em alguns pontos, ainda apresentando trechos de esteiros de madeira (f11) –, era de grande porte. Junto à ermida, esse embasamento ainda exhibe arremate de canaleta em pedra (f12).

À direita dessas ruínas, do ponto de vista de quem está adentrando a fazenda, são percebidos trechos de fundação de outras construções (f13), as quais provavelmente destinavam-se ao apoio da sede ou das atividades de produção, conforme exhibe a aquarela mencionada inicialmente.

O patamar onde está localizada a igrejinha acompanha toda a extensão das ruínas da antiga sede, e conduz à área de estábulos e residência do administrador (f14). Junto a esse mesmo patamar desenvolve-se uma via para trânsito interno da fazenda, que atravessa os atuais núcleos social e de serviço, os quais se encontram separados por cerca e porteira.

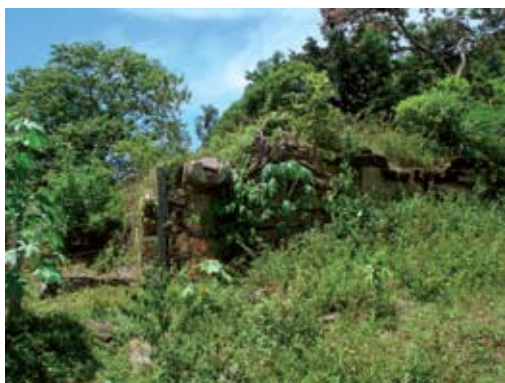
Quase junto a essa cancela de acesso aos estábulos, é possível identificar antiga escadaria de pedra (f15), que faz a transposição do nível dessa via interna para um platô mais baixo, onde se encontram a atual sede e edificação de lazer.



10



11



12



13



14



15

A julgar pela imagem antiga, o volume da sede atual em muito se assemelha à primeira edificação à esquerda, retratada pela pintura (f16). Trata-se de uma construção bastante simples, de porão alto, com cobertura organizada em quatro águas e alpendre. Existe ainda, acoplada à edificação, uma varanda voltada para a estrada de acesso (f17). Na realidade, tanto o alpendre quanto a varanda são acréscimos à construção, não só pela confirmação da iconografia como também pela utilização de materiais e bitolas de padronagem contemporânea, como é o caso das telhas, significando que a cobertura já foi reformada.

As esquadrias das janelas são duplas – internamente, guilhotinas de caixilharia; externamente, folhas duplas ensilhadas¹ de abrir (f18). As ferragens das folhas cegas em sua maioria são antigas, em ferro fundido. Considerando a possibilidade de tratar-se originalmente de edificação de serviço, as esquadrias em caixilharia seriam incompatíveis com essa utilização, uma vez que esse tipo de fechamento traduz um refinamento da construção. É bastante provável, portanto, que em função da ruína das demais edificações do complexo original, essa edificação remanescente tenha recebido beneficiamentos que a adaptassem para uma utilização mais nobre.

Foto realizada pela FUNDREM em 1982 atesta bem essa realidade (f19). Nessa imagem, é possível ver que o edifício em tela foi a única construção remanescente registrada então, além de cobertura com uso de curral, que originalmente abrigava a senzala da fazenda. Dessa forma, tudo o mais que se vê no entorno imediato da atual sede é de construção contemporânea. O curral, citado no levantamento, provavelmente foi refeito, uma vez que hoje toda a estrutura em madeira tem aparência de nova.



16



17



18



19

¹ Ensilhada – formada por tábuas grossas verticais, unidas por encaixe macho e fêmea, consolidada por travessas ou taleiras com seção em forma de cunha, totalmente embutidas no tabuado vertical.

Apesar de apresentar internamente materiais e estruturas que seguramente faziam parte de outra construção mais antiga, a disposição dos cômodos, condizente com a utilização contemporânea, aliada às diferenças nas alturas entre as portas internas e o emprego de acabamentos modernos, leva ao entendimento de que, também internamente, a construção sofreu adaptações, a maioria muito mais discretas do que a clara inserção de banheiros. Em alguns pontos da casa, é possível ver peças robustas de madeira com furações alinhadas (f20), caracterizando posição de encaixe de peças hoje não mais existentes e que formariam uma espécie de grade, possibilidade que não é compatível com o local onde estão empregadas.

É no ambiente do estar que é possível ter uma leitura mais completa das características estruturais e de acabamento originais da casa (f21). O piso em tábuas largas de madeira está presente em quase toda a edificação, com exceção dos banheiros, *hall* de entrada e cozinha. Toda a estrutura da casa é feita em esteios de madeira, que faz a amarração dos painéis de paredes.

O porão da edificação esclarece mais a respeito do sistema construtivo da casa – espessos baldrame² de pedra sustentam barroamento³ de madeira de seções avantajadas (f22), os quais, por sua vez, sustentam as alvenarias que lhe são apoiadas.



20



21



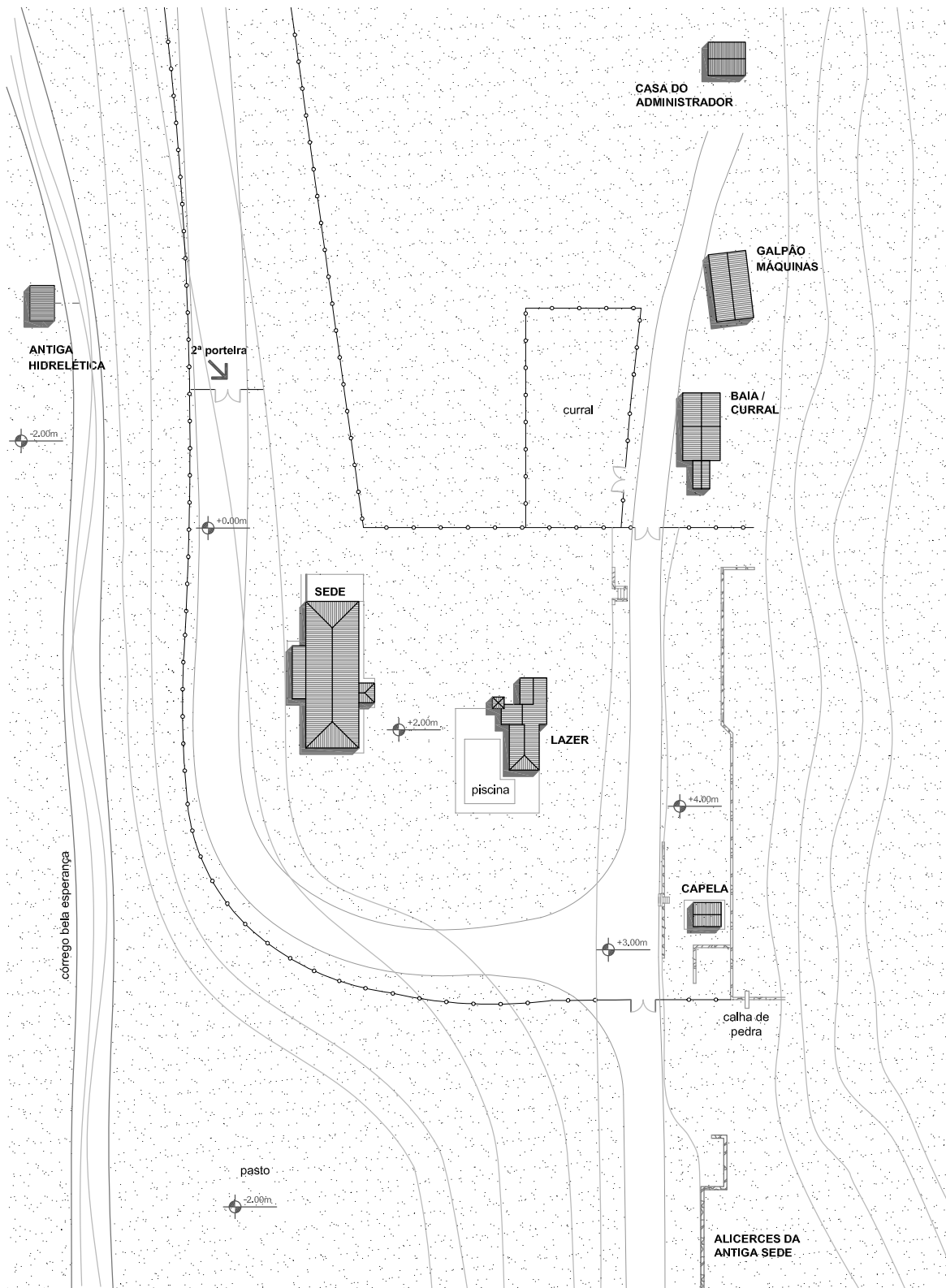
22

² Qualquer tipo de alicerce de alvenaria utilizado em fundação contínua. Em geral, utilizado em prédios de pequeno porte e pouca altura. Suas dimensões dependem da natureza do terreno onde será implantada a construção.

³ Conjunto de barrotes de armação, que são peças de madeira usadas, principalmente, na formação de armação para fixação de soalho ou forro.

A fazenda encontra-se em excelente estado de manutenção. A utilização de materiais provenientes de construções desfeitas, além da execução de novas edificações de acordo com o estilo característico ali existente, mostra o apreço pelo antigo e pelo programa de então.

FAZENDA BELA ESPERANÇA



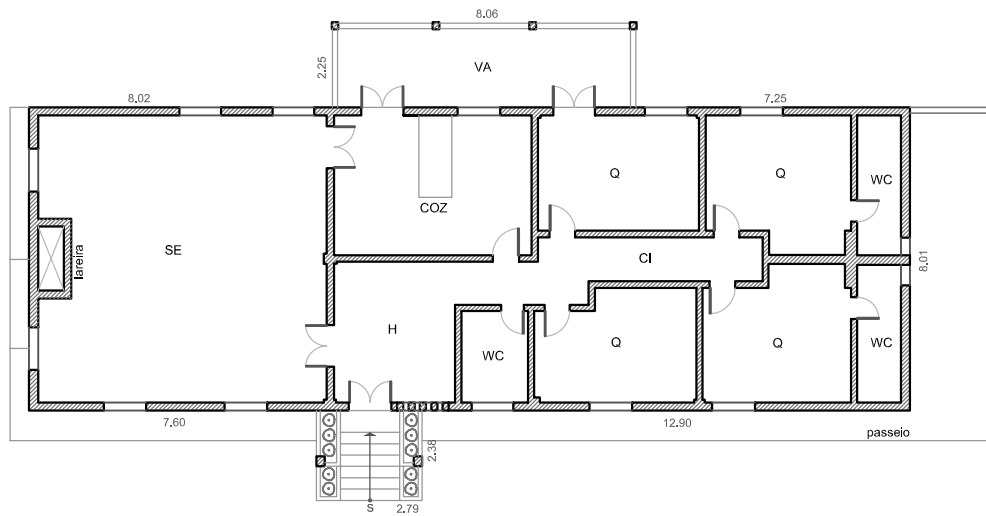
1

Croqui Implantação

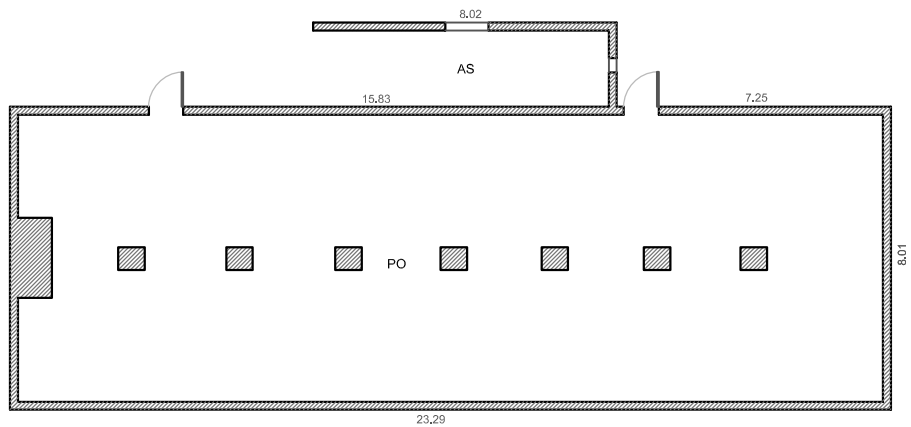
escala: 1/1000



FAZENDA BELA ESPERANÇA



2 Planta Baixa da Sede - 1º Pav
escala: 1/200



1 Planta Baixa da Sede - Porão
escala: 1/200



AS - área de serviço COZ - cozinha PO - porão SE - sala de estar WC - banheiro
CI - circulação H - hall Q - quarto VA - varanda

— alvenaria existente
- - - alvenaria demolida

Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense

AV - F06 - SJVRP

2/2

equipe:
Francyla Bousquet / Nathália Alcântara / Priscila Oliveira

desenhista:
Maciel Torres/ Priscila Oliveira

revisão:
Francyla Bousquet

data:
mar 2009

Pouco se conseguiu saber a respeito da construção dessa fazenda. Sabe-se, por informação da Sra. Anna Werneck Ruótolo, dona da Fazenda Belém, que as terras dessa estância foram primeiro adquiridas pelo Sr. Guilherme Branco, português chegado ao Brasil em umas das naus que conduziu a comitiva real para o Brasil, quando em fuga das tropas napoleônicas de Portugal (1808). É provável que a fazenda tenha sido construída no ano seguinte de sua chegada, em 1809.

Em tempos de escravatura, seu sobrenome teria sido motivo de deboche, o que o teria movido a passar a assinar seu sobrenome como Franco, ao invés de Branco.

Já nos idos de 1890, a fazenda continuava nas mãos da família Franco, que a essa altura já havia se unido à família Werneck através do casamento de Antônio Augusto de Araújo Franco e Leopoldina Maria de Sousa Werneck. Ela teria tido duas filhas. Uma delas casou-se com Paulo Franco Werneck passando a chamar-se Maria Angélica Franco Werneck (avó da proprietária da Fazenda Belém). A outra, Josefina de Araújo Franco, uniu-se ao primeiro barão de Águas Claras, Guilherme Augusto de Sousa Leite.

A partir de então, a história da Fazenda Bela Esperança se enlaça com a da Fazenda Pica-Pau (Sapucaia), localizada na margem contrária ao Rio Calçado. Essa fazenda teria sido construída para um dos filhos de D. Maria Angélica – que então morava na Fazenda Bela Esperança – Guilhermino, que teria se casado com uma francesa, Chapot Prevost, professora de uma escola local para crianças, e que não era bem quista pela sogra. Por essa razão, houve a separação de casas, e o casal mudou-se para a nova fazenda. Após o falecimento de ambos, devido a uma das pestes que assolaram a região, tanto a Fazenda Bela Esperança quanto a Fazenda Pica-Pau foram adquiridas por João Werneck, pai da atual proprietária da Fazenda Belém.

A Sra. Anna Werneck Ruótolo não sabe precisar ao certo a data do ocorrido. Mas conta que houve um grande período de fortes chuvas na região, inclusive com ocorrência de granizo, o que teria causado sérios danos à sede da Fazenda Bela Esperança, a qual tinha as janelas envidraçadas e extensa cobertura. Os danos teriam sido tais que não houve salvação para a edificação, situação que gerou a necessidade de sua demolição..